



AFRODITE COMO A MÃE DA PERCEPÇÃO ESTÉTICA

Mirna Xavier Gonçalves – mirna.xavier@hotmail.com

Universidade Federal de Pelotas (UFPe), Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil; <http://orcid.org/0000-0001-6362-3975>

Nádia da Cruz Senna – alecrins@uol.com.br

Universidade Federal de Pelotas (UFPe), Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil; <http://orcid.org/0000-0002-2618-5010>

RESUMO: A presença da figura de Afrodite na história da arte é inegável, tanto como imagem quanto como conceito, mas pouco se fala sobre suas facetas e títulos (epítetos) em relação à arte, o que amplia o âmbito desta deusa – comumente associada à beleza – para a idealização, o senso de comunidade, a persuasão, o desejo, entre outros. Atravessando artistas e teóricos que impulsionam estas qualidades estão nomes como Lygia Clark e Hélio Oiticica, tanto em suas poéticas, quanto em relações de filosofia, guiadas aqui pelas palavras de pensadoras como Marly Meira e Marilena Chauí, observando também suas relações com o mundo. Este artigo, portanto, abarca alguns destes domínios associados à esta deidade grega e suas relações com arte contemporânea, filosofia, teoria das imagens e com o cotidiano; bem como situar o papel da mitologia, das obras de arte e dos artistas como potentes difusores de experiência numa sociedade pós-moderna anestesiada pela rotina, visando instigar um olhar poético sobre a vida contemporânea e suavizar a dureza do pensamento no capitalismo tardio e reavendo a figura de Afrodite como a mãe da percepção e sensibilidade estéticas, observando algumas de suas reverberações no campo da arte contemporânea, propondo uma nova perspectiva tanto sobre a deusa quanto suas ramificações no século XXI.

PALAVRAS-CHAVE: Mitologia; arte contemporânea; Vênus; cotidiano.

1 INTRODUÇÃO

O uso de mitos vindos da mitologia greco-romana é recorrente quando se fala de arte ocidental – tanto quanto temática, nos séculos onde a arte das academias imperava, quanto como fonte inesgotável de conceitos operacionais de metodologias em arte contemporânea.

Atando as histórias olímpicas à arte, porém, existe uma figura que se sobressai, seja em conceito ou em forma: Afrodite, deusa grega do amor, da beleza, da fertilidade, da estética e inúmeros outros atributos. Protagonista de centenas de obras, que retratam variados momentos de suas histórias, Afrodite permeia o universo da arte desde os primórdios, e este estudo busca se aprofundar em alguns aspectos desta deidade e sua relação com o universo das artes.

As formas de religiosidade da Grécia Clássica atribuíam às suas divindades características, que eram chamadas de epítetos, e funcionavam como adjetivos que traçavam o perímetro do âmbito de cada deus ou deusa.

No caso de Afrodite, muitos de seus epítetos enaltecem aspectos intimamente ligados à percepção estética, o que proporciona um diálogo direto com o texto “Educação estética, arte e

cultura no cotidiano”, de Marly Ribeiro Meira. A autora do texto afirma que o mito cria uma ponte entre o sensível e o inteligível, e esta ponte pode ser vista e construída no cotidiano, promovendo novos olhares na contemporaneidade através de conceitos milenares. A autora comenta:

A concepção grega de percepção incluía a provocação do reconhecimento, de admitir que cada coisa tem alma, paixões, amor, fascinação capaz de provocar uma reciprocidade afetiva no sujeito percebido. Provocar era uma função da deusa Afrodite, a deusa do amor e da beleza gregos. A beleza se torna cosmética (cosmos vazio de afeição) quando essa ordem do mundo é desenraizada, desencantada. Ela transmuta-se em simulacro, ou seja, converte-se em representação deserotizada e vazia. (MEIRA, 1999, p. 126)

No mesmo texto, a autora também traz a noção grega de estética, que é o engendramento entre o sensorial e o sensível, sendo impossível uma apreciação estética sem a justaposição destes dois princípios e afirmando que sem o afeto não há a percepção estética completa, mas somente uma observação fria e cosmética, entrando mais uma vez no reino da deusa grega do amor, que proferia com os afetos.

Levando em consideração as bases providas por Marly Meira, serão abordados três epítetos de Afrodite como citados por Giuliana Ragusa (2005): Ουρανία (Ourania – “celestial”); Πανδημος (Pandemos – “de todas as pessoas”); Πειθω (Peitho – “persuasiva”).

2 A POSSIBILIDADE DO MITO

Antes de percorrer de alguns epítetos da deusa Afrodite e suas relações com o universo das artes visuais (e muitos outros, mas faço aqui este recorte), surge uma questão: Qual seria a importância de reavivar questões tão milenares, como a mitologia grega, num contexto histórico como a contemporaneidade? E por que esta deusa específica?

A filósofa brasileira Marilena Chauí adentra este mesmo tópico, e sobre isto afirma: “Embora a narrativa sagrada seja uma explicação para a ordem natural e humana, ela não se dirige ao intelecto dos crentes (não é Filosofia nem ciência), mas se endereça ao coração deles. Desperta emoções e sentimentos – admiração, espanto, medo, esperança, amor, ódio.” (CHAUÍ, 2000, p. 382)

O mito, portanto, é um apelo empático acima de tudo, podendo ou não ser utilizado em associação a um sistema de crença. Esta narrativa de cunho emocional é extremamente valiosa para o campo das ciências humanas, dentre as quais estão as artes visuais e suas interdisciplinaridades, e colabora diretamente para a experiência estética.

Sobre isso, MEIRA (1999) comenta, com suas palavras, o que já foi mencionado por Michel Maffesoli, apontando que a emoção é um valiosa estrutura para relações humanas e contextualizações simbólicas. Beneficiando, também, a experiência estética que, conforme visto

pela mesma autora, engendra ideia e imagem, linguagem e cultura, em uma só experiência. Desta maneira, o contexto emocional é o suporte para que sejam compreendidas as tramas entre expressão e conteúdo que tecem a estética.

Voltando aos mitos de Afrodite e à percepção, o emocional como apontado por Marilena Chauí é alicerce de toda a esfera mítica da deusa, que rege amplamente relações de toda sorte, bem como interações, sentimentos, atrações, levando em consideração que estas ações não ocorrem somente entre seres humanos, mas também para com ideias, objetos.

Corroborando com esta ideia está a emoção vinculada à arte, e é mencionada por Marly Meira através das palavras de Susan Sontag:

Algumas artes visam diretamente despertar sentimentos; outras apelam pelo caminho da inteligência. Há uma arte que envolve, que cria empatia. Há uma arte que provoca reflexão. Qualquer sensibilidade que possa ser enquadrada nos moldes de um sistema, ser manuseada com os toscos instrumentos da prova, não é mais sensibilidade. (SONTAG, 1987 apud MEIRA, 1999).

Já a questão do casamento entre mito e contemporaneidade, trago as palavras de Mitchell, que afirma, sobre a semelhança entre a imagem mitológica e a imagem contemporânea: “A ideia de que as imagens têm um poder social ou psicológico próprio é, de fato, o clichê reinante nos estudos contemporâneos em cultura visual. A alegação que vivemos em uma sociedade do espetáculo, vigilância e simulacro não é uma mera intuição da crítica cultural” (MITCHELL, 2017, p 169)

Ou seja, apesar de haver sim uma insistência da cultura contemporânea nas particularidades das imagens e seu poder de causar impacto no público – poder muitas vezes exercido através da empatia ou da manipulação emocional, como bem sabem os semiólogos e publicitários – esta insistência é bem fundamentada e justificada, especialmente perante situações que permeiam o cotidiano na pós-modernidade, como o distanciamento/simulacro social criado pela era digital.

Evocar, portanto, a mitologia numa realidade do século XXI traz uma noção de retorno aos primórdios, uma revisitação de conceitos dados como datados, mas ainda assim importantes e necessários para que haja uma ressignificação de um cotidiano engessante.

Através destes autores e observações, fica clara a relevância recorrente da mitologia – especialmente da mitologia envolvendo Afrodite – para o contexto da arte no século XXI, abraçando tanto a história da arte quanto a arte contemporânea, permeando também conceitos que orbitam as poéticas artísticas, a pesquisa e o ensino em arte. Veremos então a seguir como se desdobram alguns dos epítetos desta deusa e suas possíveis relações com a arte.

3 OURANIA (CELESTIAL) E A FORMA IDEALIZADA:

O título de *Ourania* é comum entre determinadas deusas na mitologia grega, mas o caso de Afrodite denota uma relação com a idealização, com o inalcançável. Também chamado de “Rainha dos céus”, este sobrenome de Afrodite engloba uma esfera totalmente apolínea: arte como manifestação do ideal, da harmonia visual, da graça, do caráter complexo em conceitos e refinado da arte.

Trazendo exemplos, a própria arte grega, em seu período clássico, evoca imediatamente este epíteto para si, buscando a forma humana idealizada, uma reprodução técnica de grande habilidade, a harmonia e o rigor matemáticos na criação de estatuários. A arte contemporânea, por outro lado, já assume seu caráter humano, sabendo que a idealização e a técnica podem fazer parte da arte, mas não precisam necessariamente ser seu ponto final.

A percepção e o afeto, neste caso, passam a ser evocados através da empatia da forma: o observador, atingido em cheio pela monumentalidade de uma peça desta sorte, é tomado imediatamente pela forma, pela harmonia, pela composição. O imenso pedaço de pedra que cria reentrâncias ou se avoluma trazendo à vida figuras que só seriam imaginadas. Acima de tudo figuras impossíveis, reproduzidas com o aspecto que somente uma deidade teria, o que era apropriado, levando em conta o caráter religioso da maioria destes estatuários.

A escala também auxilia este efeito, com peças diversas vezes maior que um humano adulto, avançando ou posando diretamente sobre o observador, pondo em perspectiva sua estatura em relação a grandiosidade daquela deidade, consumando então sua finalidade: denotar o status sobrenatural daquele ser ali esculpido, valendo a alcunha de *Ourania*, celestial.

4 PANDEMOS (DE TODAS AS PESSOAS) E SEU COTIDIANO:

Este epíteto, ao contrário do anterior, traz a pluralidade de possibilidades estéticas, de formas, de belezas; sendo completamente dionisíaco, permitindo uma contemplação através da empatia no caos, no relacionado à todos os seres humanos. Daí a palavra “pandemônio”.

Uma das sementes da noção de *Pandemos* na história da arte foi o movimento realista, na pintura, que trazia o cotidiano do trabalhador rural e sua realidade, embora ainda trancado entre as quatro paredes de um museu. A arte povera também tem um caráter enraizado neste epíteto.

O Brasil, porém, dá aula nas possibilidades de *Pandemos* com o neoconcretismo carioca, especialmente em Hélio Oiticica e Lygia Clark, levando ao povo suas ideias, seus afetos e as questões que mais os incomodavam artisticamente e socializando-os, distribuindo-os – seja para

que o público tenha novas percepções de si mesmo ou vice versa, citando aqui os trabalhos “Baba Antropofágica” e “Bichos” de Lygia Clark, bem como os “Parangolés” de Oiticica.

O principal gatilho de percepções aqui se dá na relação entre arte e cotidiano, peça e público, artista e observador. Voltando à Baba Antropofágica de Lygia Clark, por exemplo, o caráter pandemônico é inescapável: uma reunião de pessoas insere carretéis na boca e lentamente desfia-os sobre o corpo seminudo de outra pessoa. O contato carretel–boca / linha babada–dedos / linha babada–corpo / linhas–linhas / corpos babados–corpos secos exige uma imediata suspensão de descrença no outro, uma oportunidade e circunstância de interação únicas e predominantemente movidas nas possibilidades do corpo.

Este aspecto interacional, popular, de baixo-custo e alta conectividade entre pessoas e situações (cotidianas ou não) é o que demarca a noção de Afrodite *Pandemos* na arte.

5 PEITHO (PERSUASÃO) E SEU PAPEL NA ARTE:

Peitho, em suma, é uma das bases da natureza de Afrodite: a persuasão, atração, convencimento, ilusão e manipulação. Toda noção de cortejo, de flerte, que envolve esta deidade está incutida neste epíteto, bem como na arte. Desde os primórdios de práticas artísticas como o desenho e a pintura, a ilusão, a mimese da realidade, foram dogmas impostos ao suporte e aos artistas, trazendo um debate de como a pintura agia como uma janela que permeava o espaço-tempo e como o ilusionismo era intrínseco à técnica.

Michael Fried traz a seguinte observação em relação a esta prática: “Uma pintura deve, primeiramente, atrair o espectador, depois prender seu olhar e finalmente encantá-lo. Uma pintura deve chamar o espectador, paralisá-lo e sustentar sua atenção, como se o espectador estivesse impossibilitado de mover-se, como se estivesse enfeitiçado.” (FRIED, 1990, p. 92 apud MITCHELL, 2017, p. 174)

Outro exemplo de como a arte e a persuasão são constantemente vistas juntas, trago W. J. T. Mitchell em seu texto “O que as imagens realmente querem?”. O autor traz cartazes de recrutamento utilizados em períodos de conflitos armados, comparando o famoso cartaz “*Uncle Sam*”, que emplacou a iconografia do Tio Sam como símbolo estadunidense que aponta para o público exigindo que se recrutem para lutar pelo seu país, ao lado de um cartaz alemão, da primeira guerra mundial, no qual um jovem soldado se põe na mesma pose com a mesma finalidade.

A diferença entre os cartazes está intrinsecamente ligada ao aspecto do personagem principal, no qual, no caso alemão, temos um jovem soldado – ou seja, um companheiro, um colega

para os possíveis novos recrutas, pede ajuda na luta que ele também está travando; ele é uma vítima da guerra e capta o olhar do seu público-alvo com empatia.

Enquanto isso, temos o cartaz norte-americano nas palavras de Mitchell:

“Em contraste, *Uncle Sam*, como o nome indica, estabelece uma relação mais tênue e sutil com o potencial recruta. Trata-se de um homem velho, desprovido do vigor da juventude indispensável para o combate e, talvez ainda mais importante, da conexão sanguínea direta que a imagem da pátria poderia evocar. Ele chama jovens rapazes para lutar e morrer em uma guerra a qual nem ele nem seus filhos participarão. Tio Sam não tem filhos [...]. Tio Sam é estéril, um tipo de imagem abstrata, um cartaz que não possui sangue ou corpo, mas que personifica a nação, pede o corpo e o sangue dos filhos de outros homens” (MITCHELL, 2017, p. 177).

Ou seja, o segundo cartaz já não evoca uma empatia direta, uma imagem relacionável com o público, muito pelo contrário, ele é uma figura fria que vai seduzir o público a se alistar através do patriotismo e da noção de dever. Ele, como comentado por Mitchell, vai iludir o jovem americano através de seu poder e imponência, mas não por um ar de familiaridade e parceria. Este caráter persuasivo, na arte contemporânea, é a base de todas as obras que necessitam de interação com o público. Sem o convencimento do primeiro passo, não é possível realizar uma caminhada.

6 POTHON MATER (A MÃE DO DESEJO) E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Pothon Mater é a força motriz da humanidade, o desejo, que leva o artista a criar, o teórico a pensar, o professor a ensinar e o público a observar/agir. A inquietação causada pelo desejo age ativamente a partir da persuasão, como já comenta A. J. Greimas em seus pensamentos sobre o processo semiótico das narrativas: para que haja uma mudança, deve-se haver o vislumbre da nova possibilidade. O artista/professor/teórico é convencido que algo pode mudar, se inquieta e tem o desejo de criar.

A necessidade deste desejo já foi amplamente citada por diversos autores, que afirmam que sem esta força imparável que leva à ação, toda e qualquer tentativa de avanço sofre do medo de uma iminente falha, como uma sombra inseparável do sujeito. Tal sombra só é minimizada sob o ímpeto do desejo – que constantemente é descrito como fogo, iluminando e exorcizando a sombra da dúvida.

Dentre os autores que levantam a importância do desejo está Diderot, que afirma, através de Úrsula Rosa da Silva:

Diderot fala-nos de um envolvimento visceral necessário à criação, tanto na arte como na filosofia. Aquele que está em processo de arrebatamento pelo que está

criando fica totalmente envolvido, todo seu corpo vibra: “tem seus olhos fixos na tela; sua boca está entreaberta; ele ofega; sua paleta é a imagem do caos. É nesse caos que ele mergulha seu pincel e daí extrai a obra da criação” (DIDEROT, 1993, p. 46 apud SILVA, 2011, p. 18)

Além disso, o desejo não pode – nem deve – permear somente o que cria, mas, voltando à analogia ao fogo, deve espalhar-se como um incêndio: a pequena chama de curiosidade que brota em um filósofo, por exemplo, é vista por um artista, que adota esta chama para si e a elabora à sua forma; por sua vez passando a tocha para o professor, para o escritor, para o filósofo, mais uma vez, criando uma cadeia rizomática que partiu da pequena chama inicial.

Um dos combustíveis mais interessantes para esta chama é a curiosidade, sendo plenamente abordada por Úrsula Rosa da Silva, que afirma que “o conhecimento começa com a curiosidade frente ao mundo, curiosidade que já é pergunta. Assim, o professor, no ensino, deve, antes de tudo, ‘ensinar a perguntar’.” (SILVA, 2011, p. 19)

Grandes incêndios de desejo desencadeiam, na arte, situações como grupos de artistas, movimentos vanguardistas, até mesmo o *zeitgeist* de Hegel; atrelando centenas de pessoas à mesma chama, ao mesmo desejo. Engendrando esta mobilização à figura de Afrodite, que fazia o mesmo no âmbito dos afetos e da sexualidade, pode-se observar a alcunha de *Poibon Mater* desempenhada pela deusa em ambas as situações.

7 CONCLUSÕES

Observar a união entre o mito e o contemporâneo através dos epítetos de Afrodite nos dá a dimensão de atemporalidade do contexto da arte e da estética, que mesmo através de milhares de anos se mantém atual, relevante e necessária.

A figura de Afrodite, que orbita o campo da arte desde seus primórdios, participa aqui não como musa inspiradora, não como objeto, mas como sujeito, até mesmo como verbo e operacionalidade; trazendo, através de títulos míticos, perspectivas e alternativas para a contemporaneidade – bem como para a antiguidade.

O pano de fundo desta observação, com a aproximação do sensível junto à pesquisa e ao mito são oportunidades de desestruturar os vislumbres de apatia do século XXI traçando pelas esferas de poder de uma mitologia que urge justamente pelo sensível, pelo olhar sublime, e pela apreciação da estética tanto dentro quanto fora do campo da arte.

8 REFERÊNCIAS

- BASBAUM, Ricardo (org.) (2001). **Arte contemporânea brasileira: texturas, dicções, ficções**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos,
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo. Editora Ática. 2000. P 382
- MEIRA, Marly Ribeiro (2001). *Educação Estética, Arte e Cultura do Cotidiano*. In: PILLAR, Analice Dutra (Org). **A educação do olhar no ensino das artes**. 2.ed. Porto Alegre: Mediação, p.119-140.
- MITCHELL, W. J. T. (2017). *O que as imagens realmente querem?*. In: ALLOA, Emmanuel (Org.). **Pensar a Imagem**. 1ª Edição. Belo Horizonte. Editora Autêntica.
- RAGUSA, Giuliana (2005). **Fragmentos de uma deusa: A representação de Afrodite na lírica de Safo**. 1ª edição. Campinas. Editora Unicamp. 2005.
- SILVA, Ursula Rosa da. **Ensinar, pesquisar e criar: a curiosidade e a importância da pergunta no ensino**. Revista da Fundarte. Montenegro - Ano XI, número 21, janeiro/junho. 2011.
- THEOI – Aphrodite**. Disponível em: <http://www.theoi.com/Olympios/Aphrodite.html>.

Title

Aphrodite as the Mother of Aesthetic Perception

Abstract

The presence of Aphrodite in Art History is undeniable, both as an image and as a concept, but her roles and titles are often forgotten in the Art field. These titles widen Aphrodite's domains – usually only associated to beauty – to much more: idealization, sense of community, persuasion, desire, and much more. Going through artists and thinkers that empower these qualities, such as Lygia Clark and Hélio Oiticica, both in their poetics and their philosophical points, here guided by the words of Marly Meira and Marilena Chauí, observing their relations with the contemporary world. This article, therefore, embraces some of these domains connected to this Greek goddess and their bonds with contemporary art, philosophy, image theory and daily life in the 21st century; as well as point the role of mythology, works of art and artists as potential influencers of an aesthetic experience in a post-modern society sedated by severity, aiming at instigating a more poetic look onto the late-capitalist world by retaking the image of Aphrodite as the mother of aesthetic and sensible perception.

Keywords

Venus, Mythology; Contemporary Art; Poetics.

Recebido em: 30/07/2019.

Aceito em: 26/08/2019.